

ALGUMAS QUESTÕES SOBRE A CULTURA CLÁSSICA NA NARRATIVA DA BATALHA DE HASTINGS (c.1071) DE WILLIAM DE POITIERS (c. 1020- c.1088)

Paulo Christian Martins Marques da Cruz¹

Resumo

Este trabalho pretende identificar e analisar como se deu a influência de modelos clássicos na narrativa da Batalha de Hastings (1066) de William de Poitiers, capelão de William I da Inglaterra (1066-1087) e arqui-diácono de Lisiux. Acreditamos, pois, que este clérigo possa ter tido diferentes formas de comunicação com os textos clássicos, além de uma intensa inserção na política da corte do primeiro rei normando da Inglaterra. A síntese de tais fatores possibilitou a escrita de uma narrativa biográfica com características épicas, particular a partir da imitação de modelos clássicos em voga na Normandia do século XI.

Palavras-Chave: William de Poitiers - Biografia na Idade Média - Gesta Willelm - Batalha de Hastings - Antiguidade clássica.

Abstract: This work aims to identify and analyze the influence of classical models in the narrative of the Battle of Hastings (1066) by William of Poitiers, chaplain of William I of England (1066-1087) and archdeacon of Lisiux. We believe, therefore, that this clergyman may have had different forms of communication with the classical texts, as well as an intense insertion in the court policy of the first Norman king of England. The synthesis of such factors made possible the writing of a biographical narrative with epic characteristics, particularly from the imitation of classic models in vogue in the 11th century Normandy.

Keywords: William of Poitiers – Biography in the Middle Ages – Gesta Willelm – Battle of Hastings – Classical Antiquity

O ano de 2016 marca o 950º aniversário da Batalha de Hastings, ocorrida em 14 de Outubro de 1066, possuindo este evento forte marca simbólica do processo conhecido pela historiografia como Conquista Normanda da Inglaterra. Tal litígio político envolveu o então duque da Normandia, William II (1035-1087) e o último rei anglo-saxão da Inglaterra, Harold II Godwinson (6 de Janeiro de 1066 a 14 de Outubro de 1066). Esse confronto bélico, assim como a Conquista são considerados marcos geopolíticos no Ocidente Medieval, ocasionando transformações linguísticas, religiosas e sociais em ambos os territórios¹.

Diante das transformações nas sociedades inglesas e normandas, localizamos igualmente um direto e profundo impacto na produção historiográfica – sobretudo cronística - de ambas nas regiões nos séculos XI e XII. Tal impacto tinha como preocupação primeira o resguardo da memória e da história da Batalha de Hastings e da

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História-Unifesp, orientado pelo Prof. Dr. Fabiano Fernandes. Email para contato: Paulo.mmcl@gmail.com.

Conquista Normanda. Podemos, assim, identificar ao menos três gerações principais de narrativas sobre este processo. Ainda no contexto de assentamento das hostes normandas e de impacto cultural do processo de conquista, destacamos as narrativas de William de Jumièges, William de Poitiers e de Guy de Amiens. Estas narrativas cooperaram em particular para a construção de um discurso laudatório sobre o duque normando e a Conquista².

Duas dessas narrativas, a *Gesta Normannorum* e a *Gesta Willelm* de Jumièges de Poitiers, respectivamente, foram possibilitadas por um bem sucedido processo de reforma das abadias beneditinas na Normandia, sendo a produção histórica particularmente influenciada por esse processo de reforma. Segundo Cassandra Potts, a produção histórica seria entendida como um importante motor e sintoma de tal quadro, ou seja, doravante um quadro de estagnação na produção histórica no século X, ocasionada pelo abandono e destruição das instituições eclesiais durante a conquista e ocupação da região por populações nórdicas. O quadro sensivelmente se altera no intervalo entre os governos dos duques Ricardo I e William II (futuro William I da Inglaterra, governo de 1035-1087), responsáveis por iniciar e progredir com tal movimento de reforma.

A operação historiográfica no medievo, segundo Benito Schmitt, Bernard Guenée e Hannah Arendt, seria herdeira, sob diversas facetas, de um modo de produção literário da antiguidade, sobretudo no que pese as hagiografias³. Haveria então, não somente a recorrência a temáticas da antiguidade caras aos medievais, mas a apropriação de modelos narrativos, que, por sua vez, eram fundidos aos modelos explicativos existentes em determinada região.

Nesse sentido, os modelos biográficos da antiguidade, sobretudo a partir de Suetônio, Plutarco e Salústio, devem ser pensados a partir de seus possíveis usos por W. de Poitiers. Encaramos aqui, no entanto, a possibilidade de que tais textos tenham encontrado nesse autor, menção apenas indireta, por intermédio então de comentadores cujo contato teria se dado durante sua formação e estadia nos meios eclesiais e de poder, tal como a corte. Utilizar-nos-emos como suporte teórico no que se refere ao tratamento dessa *Gesta* enquanto biografia, de François Dosse.⁴

O escasso conhecimento dos historiadores sobre a vida de William de Poitiers se restringe a alguns comentários feitos por Orderico Vitalis (1075 – c.1142)⁵ em sua *Historia Ecclesiastica* e alguns indícios a partir de cartas ducais e eclesiais. Tal conhecimento foi compilado nas obras de Antônia Gransden⁶, David Bates⁷ e mais recentemente na última edição da *Gesta Willelm*, por Diana Greenway⁸.

Segundo Orderico Vitalis, William de Poitiers teria nascido em Préaux, em uma família provavelmente nobre, uma vez que a irmã de William tornou-se abadessa de Saint-Léger-de-Préaux. William por sua vez teve acesso a uma iniciação na cavalaria, pois teria servido por certo tempo nas hostes do duque William II⁹. Como procuraremos mostrar posteriormente, tal passagem pelas armas trará conhecimentos específicos para William de Poitiers no momento de abordar diversos conflitos em sua narrativa.

Após certo tempo na ocupação militar, William teria deixado a mesma, em busca de uma formação como clérigo, na região do Poitou¹⁰. Assim, o mesmo ingressou ao que tudo indica no colégio de Saint-Hilaire-le-Grand, que ao tempo deste ingresso, deveria ser liderada por Hildegard, discípulo de Fulbert de Chartres¹¹. Novamente segundo Vitalis, William de Poitiers teria ganhado esta alcunha devido a este local de estudo, tendo se destacado dentre os demais por seu conhecimento na língua latina, além da retórica e da gramática¹².

Segundo Orderico Vitalis, William de Poitiers teria se destacado dentre seus colegas de estudos, por seu conhecimento da língua latina e dos clássicos, além de ter demonstrado gosto pelo modelo literário desenvolvido por Salústio. Após retornar a Normandia, Poitiers teria exercido dois cargos de proeminência político-religiosa, tendo sido capelão de William I e arqui-diácono de Lisieux. Segundo Gransden¹³, Poitiers seria um clérigo e não monge regular, o que lhe traria a vantagem de uma maior circulação pelos meios leigos de poder, tal como a corte de William I e seus sucessores. Durante a época da passagem de William de Poitiers, o cargo de arqui-diácono de Lisieux foi subordinado ao bispo Hugo d'Eu (administração de 1049-1077) e depois ao bispo Gilbert de Mimenot (administração de 1077-1101), cujas próximas ligações com William I eram importantes. Dentre essas, destacamos a posse de territórios na região de Dover e o fornecimento de cavaleiros para a guarda do castelo homônimo¹⁴.

Antes de procedermos com alguns apontamentos sobre a análise interna do texto, no qual procuraremos concernir sobre a possibilidade de apropriação de modelos narrativos e biográficos da Antiguidade Clássica, sobre tudo romana, mostrar-se importante identificar a materialidade do manuscrito da *Gesta Willem*, assim como este foi editado ao longo da história.

O manuscrito da *Gesta Willelm* sobreviveu em apenas um exemplar e está danificado em seu início e fim, tendo sido primeiramente editado por André Duchesne (1584-1640), em 1619. A *Gesta*, juntamente com outras narrativas diversas, foi compilada numa obra de fôlego e bastante cara aos historiadores posteriores: a *Historiae*

Normannorum Scriptores Antqvi.¹⁵ O manuscrito utilizado por Duchesne posteriormente desapareceu, destruído por um incêndio na *Cottonian Library*¹⁶.

No contexto medieval a humildade enquanto virtude cristã dificultava que o autor das narrativas escrevesse suas obras com o propósito que incrementar sua própria fama. Em termos do medievo, a denominação “autor” (*auctor*) significava literalmente aquele que detinha autoridade. Nesse sentido, os autores das Escrituras e mesmo os Pais da Igreja eram listados enquanto autores na literatura sagrada. Opunham-se a este quadro os poetas clássicos e os escritores em prosa, considerados em muitos casos um tipo de literatura profana¹⁷.

O que nós consideramos atualmente como plágio, por exemplo, era uma virtude de tal forma que “one should never put in one’s weak words what had been said better already”¹⁸. Ainda que os autores no medievo procedam com cópias de fragmentos, modelos ou mesmo continuções, é importante lembrar que “it is significant that medieval authors were not content with continuing the old chronicles which they appreciated, but they always desired to conceive their own, new versions to meet their needs, and it is these intentions should interest us”¹⁹. Dessa forma, podemos inferir que a *Gesta* é herdeira de certos modelos e autores antigos e contemporâneos à época, sendo igualmente particular quanto a um estilo e a recorrência de certas temáticas. W. de Poitiers não procede, a nossa ver, com a continuidade de nenhum texto de influências possíveis em sua obra.

Em termos de circulação, é importante nos orientar por alguns apontamentos. De acordo com Antonia Gransden²⁰, a *Gesta Willelm* de William de Poitiers não teria alcançado uma grande circulação para além de algumas instituições no território normando e inglês. Isso seria motivado pelo fato de que William de Poitiers teve uma formação enquanto clérigo secular e não como monge, ou seja, não teve uma estrita formação junto aos beneditinos para atuar em suas respectivas instituições. Além disso, segundo Clanchy, diferentemente da Antiguidade, onde haveria uma proliferação de escravos copistas e materiais de mais fácil acesso, o medievo caracteriza-se pelo sensível aumento do custo de produção dos manuscritos, limitando sua presença e mesmo circulação nas instituições que tinham como pretensão copiá-lo²¹. Ainda assim, com base no próprio histórico de vida de William de Poitiers, acreditamos que a proximidade já relatada com a figura de Odo de Bayeux e o apoio dado por este último a Robert Curthose na revolta contra William, pode ter criado um ambiente hostil para a continuidade da circulação do texto.

Antes de discutir a reapropriação de certos modelos clássicos é importante frisar algumas informações sobre a preservação e o uso geral de tais textos. Relativamente poucos textos antigos foram perpetuados desde Antiguidade, se comparados, obviamente, a massa total do que deve ter existido²². Não há manuscritos, por exemplo, da *Historia* de Salústio, assim como sobre a obra de Tito Lívio e as *Historias* e *Anais* de Tácito. Assim, nosso conhecimento sobre tais obras limita-se a fragmentos, que podem ser encontrados em informações dadas por outros autores (não necessariamente historiadores), sendo majoritariamente citações e reproduções parciais no interior de outras obras²³.

É importante procedermos com duas cautelas: em primeiro lugar, os autores clássicos citados escrevem baseados em suas memórias em muitos casos, o que pode causar inconsistências sobre o contexto a ser trabalhado. Em segundo lugar, o uso dos textos clássicos muitas vezes não era claramente explicitado ou referenciado. Finalmente, um autor que faz menção a limitada seleção de passagens de determinado autor clássico, inculca uma não identificação direta da obra pretendida, fundindo-a ao texto, seja essa a intenção do autor ou não²⁴.

Algumas reapropriações clássicas

A narrativa da Batalha de Hastings de William de Poitiers possui 31 parágrafos, onde podemos notar a citação direta da Antiguidade ou de elementos da mesma em 9 destes. Além disso, a *Gesta* em sua estrutura é dividida em duas partes principais: uma narrando a juventude, maturidade e governo de William enquanto apenas duque dos normandos (1035-1066) e uma descrevendo a Conquista Normanda da Inglaterra. Torna-se impossível reconstruir a inter-textualidade de maneira satisfatória a respeito de uma possível lista de obras lidas ou consultadas por William de Poitiers. Julgamos, no entanto, que suas referências autorais advêm de menções existentes em memórias escritas e orais, como passagens de fácil lembrança. Acreditamos que este autor, enquanto arqui-diácono de Lisieux, pode ter se utilizado da biblioteca desta catedral para fornecer, ao menos, parte das referências existentes em sua obra. Supomos ainda que em alguns elementos perceptíveis a *Gesta* de W. de Poitiers é influenciada pelos modelos biográficos proposto por Suetônio (69 – c. 141).

A *Vida dos Doze Césares*, de Suetônio será um dos modelos básicos da biografia no medievo. O modelo de Plutarco, outra possível influência na *Gesta*, diferencia-se do proposto por Suetônio no que pese ao tratamento das personagens e na

atemporalidade, além de focar-se em um estilo mais reflexivo, realista e impessoal.²⁵ Ainda assim, acreditamos que a direta oposição entre os autores não cabe, uma vez que Suetônio igualmente dá grande importância às virtudes de um governante.

Utilizando-se do modelo da vida de determinados césares, Suetônio procede a sua narrativa a partir de uma divisão retórica conhecida como *partitio* ou *divisio* entre bons e maus imperadores, baseado em uma hierarquização de certas virtudes e vícios característicos. Tal método é exposto pelo autor durante sua narrativa da vida do imperador Augusto (*Vita Divi Augusti*): “Agora que demonstrei como ele (Augusto) se conduziu nos ofícios civis e militares e na administração do Estado [...] Eu agora darei, brevemente, um relato de sua vida privada e doméstica, descrevendo seu caráter e sua fortuna (parênteses nossos)”²⁶.

Esse mesmo escopo aparece na *Gesta*, uma vez que a mesma é dividida sensivelmente em duas partes: uma contendo a infância e o governo ducal de William (c. 1028 – 1035) e o outro representando a Conquista Normanda e seu governo enquanto rei da Inglaterra (1066-1087).

Em outros exemplos, Suetônio trabalha as façanhas militares de Augusto, o qual considera um bom imperador:

Ele subjogou, pessoalmente ou por intermédio dos seus comandantes, o país dos Cantabros, a Aquitânia, a Panônia, a Dalmácia, com toda a Ilíria e também a Récia, os Vindélicos e os Salássios, povos dos Alpes. Reprimiu, por outro lado, as incursões dos Dácios e desbaratou três dos seus chefes com numerosas tropas. Rechaçou os Germanos para além do Elba. Dentre estes, recebeu a submissão dos Úbios e dos Sicámbrios: transportou-os para a Gália e os estabeleceu nas terras vizinhas do Reno. Reduziu, igualmente, à obediência outros povos menos pacíficos. Jamais desencadeou uma guerra sem razão ou necessidade. Tão longe estava do desejo de aumentar, a qualquer preço, o seu império ou a sua glória militar, que forçou certos príncipes bárbaros a jurarem, no templo de Marte Vingador, que seriam fiéis a aliança que ele lhes propusesse²⁷.

De acordo, então, com tal modelo, o Imperador Nero é descrito enquanto portador de vícios e desvios de caráter que lhe classificariam como um imperador ruim para os romanos:

A petulância, a libertinagem, o luxo, a avareza, e a crueldade foram vícios a que se entregou a princípio, gradualmente, às ocultas, como desviado pela juventude. Mesmo então ninguém mais duvidava que estes vícios proviessem menos da idade do que da natureza. Ao anoitecer, punha um boné ou um barrete e saía a percorrer as tavernas, vagabundear pelas ruas a título de brincadeira, mas não de brincadeira inofensiva. De fato, surrava pessoas que retornavam do jantar e, se resistiam, as feria e as afogava no esgoto [...] ²⁸.

Assim, a oposição quase taxativa entre bons e maus imperadores é baseada segundo o princípio da *humanitas*, trabalhado por Suetônio. Os doze retratos feitos por este autor seriam divididos entre os bons césaes, ou seja, aqueles dotados de *humanitas* – como Júlio César, Augusto, Tibério, Cláudio, Vespasiano e Tito -, e aqueles dotados de *inhumanitas*, os maus césaes – como Calígula, Nero, Galba, Otão, Vitélio e Domiciano. Esses retratos são fortemente animados a partir de valores celebrados em Roma, como a *moderatio*, a *civilitas* e a *clementia*, sendo necessária a presença destas três virtudes para que o César seja um bom governante e seja imune a tirania²⁹. Nesse sentido, como veremos em passagens da *Gesta*, W. de Poitiers parece acompanhar este escopo, construindo William enquanto um príncipe cristão modal, enquanto Harold é retratado de maneira antagônica, personificando o perjúrio.

A perspectiva de François Dosse com a qual nos filiamos ajuda bastante ao analisarmos uma passagem da *Gesta*, onde o rei William é descrito no desembarque na Inglaterra de Harold e na preparação para a Batalha de Hastings.

Borne by a favourable breeze to Pevensey, he disembarked with ease and without having to fight his way ashore. Harold, indeed, had withdrawn to Yorkshire to fight his own brother Tostig and the king of Norway, Harold. It was hardly astonishing that his brother, driven by wrongs done to him and wishing to recover his confiscated lands, should invoke foreign aid against him; Harold's sister, too, morally quite unlike him, used vows and advice to oppose him, because he was a man soiled by luxury, a cruel homicide, proud of his wealth and plunder, an enemy of justice and goodness. This woman, as wise as any man, who recognized goodness and cherished it in her way of life, intended that the man whom her husband Edward had chosen by adopting him as his son should rule over the English: William the wise, just and strong³⁰.

Harold II Godwinson no trecho por nós citado é descrito por Edite de Wessex (c. 1022 – 1075), irmã de Harold, como uma figura moralmente antagônica a William. Enquanto Harold é descrito como uma figura versada em práticas luxuriosas, em orgulho pelas riquezas que possui e um assassino e inimigo da justiça, William é celebrado em tons de sabedoria, justiça e força. Aqui se fazem 3 das 4 virtudes cardeais cristãs, originalmente desenvolvidas por Platão e posteriormente adaptadas por Santo Agostinho e São Tomás³¹. Podemos então identificar a partir de tais premissas uma das funções do texto no medievo, cujas características igualmente são herdadas da Antiguidade: o ensino pelo exemplo. Já comentamos aqui a importância do passado enquanto autoridade para os autores e leitores no medievo, e nesse sentido o passado, ao ser tratado é representado com respeito e dotado de um ideal legitimador, o que nos impõe pensar em uma consciência histórica do passado³².

Assim, o ideal medieval de um passado meritório enquanto exemplo a ser seguido na figura de um líder virtuoso, torna gênero biográfico uma vertente literária bastante popular. Amostras disso seriam as numerosas biografias que surgem desde a Alta Idade Média, como a Vida de Carlos Magno (reinado de 774-814) de Eginhardo (c.775-840) e a Vida de Alfredo, o Grande (reinado de 871-899), primeiro rei de todos os anglo-saxões, escrita pelo bispo Asser (?- c. 909). De acordo com Southern, ambos os autores e outros, procuravam a partir do contato com as Vidas de Suetônio, imitar seu estilo narrativo e modelo³³.

Essa popularidade teria sido possível graças a um movimento de migração do gênero da gesta, ou seja, da concepção medieval do gênero biográfico, de figuras comumente ligadas a estrutura eclesiástica, como bispos, abades e papas, para as figuras leigas. Nesse sentido, a Gesta de Poitiers insere-se numa tradição biográfica normanda, iniciada por Dudon de Saint-Quentin ao narrar a História dos Duques Normandos, esta escrita durante o governo do duque Ricardo I, obra esta responsável por inaugurar na região a biografia dinástica³⁴, ou o que chamaríamos modernamente de prosopografia.

Assim como em Suetônio, autores como William de Poitiers, fazem uso de recursos retóricos, ou seja, que possuem cunho imaginativo. Estas passagens são reforçadas por hábitos perceptíveis nas Vidas de Suetônio e que permaneceram entre os biógrafos medievais. Dessa maneira, Suetônio não se sente obrigados a fundamentar em fontes, muitos dos comentários que faz sobre a vida privada dos imperadores e sua personalidade, especialmente durante a narrativa dos imperadores do ano 69 (Galba, Otão e Vitélio)³⁵. No entanto, apesar da origem predominantemente senatorial das fontes de Suetônio, é possível que este tenha consultado ainda Plínio o Velho e Aufídio Basso³⁶. Por outro lado, acreditamos que W. de Poitiers utilizou-se de fontes ligadas a corte de William I, tanto na Inglaterra quanto na Normandia, além de forte uso da tradição oral – e suas respectivas mutações da memória. Acreditamos, assim, que certa estética advinda da tradição biográfica clássica permaneceu no medievo, inclusive em termos de escopo, como *exemplum* e imortalidade, como procuraremos comentar.

Dentre os diversos exemplos de recursos retóricos que podemos pinçar do interior da narrativa da Batalha de Hastings, chama-nos a atenção a descrição do rei William enquanto eloquente orador. Tal quadro é obviamente construído pelo autor, uma vez que segundo David Douglas³⁷, um de seus mais famosos biógrafos contemporâneos, William teria tido uma juventude extremamente conturbada, com sucessivas tentativas de assassinato, limitando-se a aprender a administração ducal, o

combate e algumas noções da língua latina. O autor atribui um discurso ao então duque William, proferido em algum momento antes da Batalha.

The speech with which he rallied the courage and eagerness of his troops, although brief due to the circumstances, was doubtless a fine one, although it has not come down to us in all its splendour. He reminded the Normans that under his command they had always been victorious in many and great dangers. He reminded everyone of their country, their noble deeds and their great name. 'Now you must prove with your hands the stuff of which you are made, the spirit that inspire you. Now it is no longer a matter of living and ruling but of escaping with your lives from imminent danger. If you fight manfully, victory, honour, and riches will be yours; otherwise you will be slain or as captives, you will serve the whims of a most cruel enemy, and will be remembered for ever with shame. There is no way of escape: on the one hand, an army and an unknown and hostile countryside bar the way, on the other, a navy and the sea. Men should not be frightened by numbers. On many occasions the English, defeated by the swords of their enemies, have perished; most of the time, they have been conquered and have had to surrender to the enemy. They have never distinguished themselves by great deeds of arms. Men inexperienced in battle can be easily overcome by the courage and skill of a few. Above all, divine help will not be lacking for a just cause. If such a band are daring, and do not yield, victory will soon be theirs to celebrate³⁸.

Esse conjunto de narrativas atribuídas a William, conforme citado por William de Poitiers tem relação com duas batalhas anteriores sobre o comando de William II. Em primeiro lugar, William foi vitorioso na batalha de Val-ès-Dunes, onde derrotou, durante a juventude, uma série de barões rebeldes, liderados por Guy de Brionne (c. 1025-1069). Esta batalha marca a ascensão da autoridade de William enquanto duque normando, onde este contou com o apoio de Henry I (1008-1060), rei da França. Posteriormente o rei francês e antigo aliado voltou-se contra William e planejou uma recuperação do território normando, frente à crescente autoridade e poder do duque. Na Batalha de Mortemer, em 1054, o rei francês foi derrotado e viu sua autoridade sobre o duque normando se enfraquecer nos anos seguintes, o que facilitou o caminho para a Conquista da Inglaterra.³⁹ Além disso, no discurso atribuído ao duque William estaria a referência de uma conquista anterior e do tratamento pejorativo dos anglo-saxões enquanto um povo inexperiente na guerra. O autor se refere também a conquista efetuada por Canuto II da Dinamarca, cuja dinastia governará até 1035, quando é restaurada a Casa de Wessex⁴⁰.

A idéia de uma coragem normanda é trabalhada por John Bliese, que vê a afirmação ou reafirmação do ideal de coragem nas narrativas normandas enquanto estratégia destes para consolidarem o seu poder enquanto duques e/ou reis, mas também como um instrumento de criação e manutenção de sua identidade enquanto *gens*, que

por sua vez se baseia na negação do outro, seja ele anglo-saxônico ou franco.⁴¹ As virtudes marciais normandas estão no centro da maioria dos discursos trabalhados por Bliese, que analisa autores normandos da Normandia, de anglo-normandos e da Itália do sul⁴².

Nossas percepções do discurso enquanto recurso retórico do autor e a eloquência do mesmo vão de encontro a um comentário de Orderico Vitalis sobre Poitiers e sua *Gesta*. Em primeiro lugar, Vitalis em sua *Historia Ecclesiastica* cita que Poitiers era um estudioso de Salústio, do qual o estilo procurava imitar. Segundo Barly Smalley, Salústio teria sido um autor bastante popular na Idade Média com suas duas principais obras, *A Conspiração Catilina* e as *Guerras de Jugurta*⁴³. O tamanho de tais obras, segundo o autor, poderia ser facilmente adaptável para o uso como material didático para a leitura e cópia dos alunos em Escolas no medievo.

Além disso, Salústio era à base do incentivo na junção da retórica e da gramática em exercícios por parte de alguns professores, onde para este autor, o historiador deveria ter liberdade para adornar seu texto com elementos retóricos, além da liberdade da não citação explícita dos textos consultados ou mesmo datas⁴⁴.

Segundo Greenway, Cícero seria utilizado por Poitiers, ao lado de Santo Agostinho, nas dissertações morais da história, ou seja, em nossa referência da história enquanto *exemplum*⁴⁵. Cícero em seu conceito de história, recomenda que o narrador deva seguir uma responsabilidade moral de dizer a verdade sem malícia e de maneira imparcial. Ainda assim, sua retórica permitiria, assim como sugere Salústio, adornar sua obra como uma descrição da verdade não necessariamente pormenorizada. Metodologicamente Cícero recomenda que o historiador proceda com uma organização cronológica dos fatos a serem tratados e uma descrição geográfica onde a trama se desenrola⁴⁶. O autor interessa-se igualmente pela vida e caráter de certos sujeitos a partir de determinadas virtudes, como a sabedoria e a eloquência:

Wisdom without eloquence does little good for states, while eloquence without wisdom often does positive harm [...]. Therefore, if anyone neglects the study of philosophy and moral conduct, which is the highest and most honorable of pursuits, and devotes his whole energy to the practice of oratory, his civil life is nurtured into something useless to himself and harmful to his country⁴⁷.

Aqui a concepção de história da Antiguidade mostra certa continuidade no medievo, onde a notoriedade de certas personagens ou eventos (*memorabilia gesta*), como a Batalha, é entendida enquanto rupturas do ciclo natural de uma temporalidade, onde, a partir do exercício da memória (*mnemosine*) os objetos narrados poderiam ser dotados de certo grau de imortalidade, garantindo seu lugar assim entre as deidades⁴⁸.

A abertura, que a influência (direta ou indireta) de modelos narrativos de autores como Cícero e Salústio dão a William de Poitiers, enquanto autor de uma biografia possivelmente construída nos moldes propostos por Suetônio, a possibilidade de se utilizar de um vasto leque de literatos clássicos, cuja função primeira, como evidenciamos, é a de adornar a narrativa, de torná-la possivelmente chamativa para uma audiência leiga e ligada a corte de William I.

Além das obras de Virgílio e Homero, W. Poitiers demonstra algum conhecimento da Tebaida, onde a disputa gravita em torno do poder da polis de Tebas entre Polinices e Etéocles, filhos de Édipo. Em todos os casos, William I representa um protagonista que defende valores como justiça, sabedoria e coragem, em oposição a Harold, que personifica a mentira, a luxúria e a crueldade desmedida. Dessa maneira e diante de tais exemplos, Poitiers acredite que a história narrada por ele, tendo William I como peça central, encontraria nas mãos dos autores clássicos por ele citado, melhor objeto que a própria *Ilíada* e *Eneida*. As referências a Guerra de Tróia parecem ter vindo de um manuscrito da *Ilias Latina*, uma versão em tamanho resumido da *Ilíada* de Homero, largamente utilizada como material de estudo no medievo⁴⁹.

Apesar das interessantes semelhanças, igualmente acreditamos que parte do conhecimento deste autor sobre uma descrição militar coerente, podem ter advindo de sua formação anterior, enquanto cavaleiro nas hostes de William I. Para além disso, segundo Greenway, há a possibilidade do uso de diversas fontes, em tamanho reduzido, utilizadas para fins didáticos, como as obras *Germânia* e *Agricola* de Tácito⁵⁰. Finalmente, algum tipo de descrição das táticas e estratégias utilizadas, além dos armamentos e comportamentos, pode ter advindo de um manuscrito sobrevivente ou de um comentador da *De Re Militari* de Flávio Vegécio. No entanto, segundo Christopher Allmand, o manuscrito de Vegécio teria se tornado popular no norte da França e na Inglaterra a partir do século XII, tendo cópias sido encontradas datando desta época em Le Bec-Hellouin e Saint-Evrout⁵¹.

Ainda assim, W. de Poitiers entende que seu lugar enquanto autor e sua narrativa encontram posição abaixo dos clássicos citados. A autoridade dos clássicos, do passado e a adoção do escopo da imortalidade em relação à figura de William I e a dinastia normanda, parece-nos uma estrutura retórica fundamental da produção de conhecimento na época. É importante salientar, no entanto, que este escrito apesar de transitar majoritariamente em espaços leigos, mediante a posição ocupada por este clérigo e sua temática proposta, é uma narrativa orientada por um discurso laudatório cristão. Segundo este autor, sua narrativa além tem como ímpeto edificar o poder do rei

normando com base em suas façanhas, é cara igualmente por louvar a Deus, enquanto garantidor último das façanhas deste duque-rei.

Finalmente, William de Poitiers, segundo Greenway, utilizou-se ao longo de toda a narrativa de outros elementos advindos da Antiguidade, não cabendo estas referências apenas ao interior da narrativa da Batalha de Hastings. William teria igualmente se aventurado enquanto poeta, segundo Orderico Vitalis⁵², aceitando no final da vida os comentários e correções de seus pupilos. Entre suas possíveis influências, segundo a autora, estariam as *Satires* de Juvenal, a *Pharsalia* de Lucano e as histórias de Justino, em especial a *Epitome*⁵³.

NOTAS DE REFERÊNCIA

¹ BARTLETT, Robert. *England Under the Norman and Angevin Kings 1075-1225*. In: ROBERTS, J. M. *The New Oxford History of England*. Oxford: Clarendon Press, 2000, p.11-12.

² VAN HOUTS, Elisabeth. *Historical Writing*. _____ HARPER-HILL, Christopher. *A Companion to the Anglo-Norman World*. Woodbridge: Boydell&Brewer, 2003, p.105.

³ SCHMITT, Benito Bisso. *História e biografia*. In: VAINFAS, Ronaldo e CARDOSO, Ciro Flamarion. (Orgs.). *Novos domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 2012, p.188; GUENÉE, Bernard. *Histoire et Culture Historique dans l'Occident Médiéval*. Op. Cit., p.20; ARENDT, Hannah. "O Conceito de História Antigo e Moderno" In: *Entre o Passado e o Futuro*. São Paulo: Perspectiva, 5º edição, 2005, cap. II, p.69-80.

⁴ DOSSE, François. *O Desafio Biográfico – escrever uma vida*. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. 2ºed. São Paulo: Edusp, 2015, p.126.

⁵ Orderico Vitalis foi um monge beneditino anglo-normando, autor da obra *Historia Ecclesiastica* e ligado a abadia de Saint-Evroult na Normandia. Tendo visitado diversas outras abadias na Normandia e Inglaterra, este se torna uma figura importante para a reconstrução de redes de solidariedade entre os cronistas. CHIBNALL, Marjorie. *The World of Orderic Vitalis*. Woodbridge: Boydell& Brewer, 2003, p.3-5.

⁶ GRANSDEN, Antonia. *Historical Writing in England – c. 550 – c. 1307*. London: Routledge, 1998, p.92-105.

⁷ BATES, David. *The Conqueror's Earliest Historians and the Writing of his Biography*. In: _____; CRICK, Julia; HAMILTON, Sarah. *Writing Medieval Biography – 750 – 1250 – Essays in Honour of Frank Barlow*. Woodbridge: Boydell Press, 2006, p.129-143

⁸ GREENWAY, Diana. GREENWAY, Diana. Gesta Willelm Ducis Normannorum et Regis Anglorum. In: *Oxford Medieval Texts*. Oxford: Oxford University Press, 1999, p.15-35.

⁹ VITALIS, Orderico. *Historia Ecclesiastica*. Book II, p.46.

¹⁰ GREENWAY. Op Cit, p.16.

¹¹ Ibidem, p.16.

¹² VITALIS, Orderico. *Historia Ecclesiastica*. Book II, p.46.

¹³ GRANSDEN, Antonia . Op. Cit., p.97.

¹⁴ LYON, John. *The History of the Town and Port of Dover and the Dover Castle*. Vol. II. Dover: Ledger & Shaw, 1814, p.138.

¹⁵ DUCHESNE, André. *Historiae Normannorum Scriptores Antqvi.1619*.

¹⁶ GREENWAY. Op. Cit., p.15.

¹⁷ Idem.

-
- ¹⁸ Idem.
- ¹⁹ GOETZ, Hans-Werner. *Historical writing, historical thinking and historical consciousness in the Middle Ages*. In: *Revista Diálogos Mediterrânicos*. Nº2 – Maio/2012, p.115.
- ²⁰ GRANSDEN. *Op. Cit.*, p.100.
- ²¹ CLANCHY, M. T. *From Memory to Writing Record – England 1066-1307*. 3ªed. London: Willey-Blackwell, 2013, p.116-120.
- ²² MARINCOLA, John. *Approching classical historiography*. In: _____. *A Companion to Greek and Roman Historiography*. 2 vols. London: Blackwell Publishing, 2007, p.1-2.
- ²³ Ibidem, p.2.
- ²⁴ Idem.
- ²⁵ Ibidem, p.134.
- ²⁶ Suetônio. *Augusti*. II, LXI.
- ²⁷ Ibidem, II, XXI.
- ²⁸ Ibidem, *Nero*, VI, XXVI.
- ²⁹ DOSSE. O Desafio Biografico. *Op. Cit.*, p.136.
- ³⁰ POITIERS, William of. *Gesta Willelm Ducis Normannorum et Regis Anglorum*. In: MORILLO, Stephen. *The Battle of Hastings: Sources and Interpretations*. *Op. Cit.*, p.9
- ³¹ ALMEIDA, Neri de Barros de. *Raul Glaber – Um historiador na Idade Média*. In: *Revista Signum*. Vol.11. nº2, p.80.
- ³² GOETZ, Hanz-Werner. *Op. Cit.*, p.124.
- ³³ SOUTHERN, Pat. *Augustus*. London: Routledge, 1998, p.2.
- ³⁴ VAN HOUTS, Elisabeth. *Op. Cit.*, p.104.
- ³⁵ BRANDÃO, José Luís Lopes. *Suetônio e os Césares – Teatro e Moralidade*. Coimbra: Faculdade de Letras, 2003, p.51.
- ³⁶ Ibidem, p. 52-53
- ³⁷ DOUGLAS, David. *William the Conqueror – The Norman Impact upon England*. London: Eyre Methuen, 1976, p.34-35
- ³⁸ POITIERS. *Op. Cit.*, p.10
- ³⁹ DAVIS, R. H. C. *The Norman Myth*. London: Thames & Hudson, 1976. p.221.
- ⁴⁰ CROUCH, David. *The Normans: The History of a Dynasty*. London: Hambledon Continuum, 2007, p.33-35.
- ⁴¹ BLIESE, John R. E. *The Courage of the Normans – A comparative Study of Battle Rhetoric*. In: Nottingham Medieval Studies XXXV, 1991, p.5-7.
- ⁴² Ibidem, p.8.
- ⁴³ SMALLEY. *Op. Cit.*, p.19
- ⁴⁴ Ibidem, p.20.
- ⁴⁵ GREENWAY. *Op. Cit.*, p.18.
- ⁴⁶ SMALLEY. *Op. Cit.*, p.18-19.
- ⁴⁷ CICERO, *The De Inventione of Cicero*. Book I. Apud MURPHY, James J. *Rhetoric in the Middle Ages – A history of rhetorical theory from St. Augustine to the Renaissance*. P.10
- ⁴⁸ ARTOG, François. *Evidência da história – O que os historiadores vêem*. Trad. Guilherme de Freitas Teixeira colaboração de Jaime A. Clasen. In: DUTRA, Eliana de Freitas (Cord). *Historia e Historiografia*. Belo Horizonte: Autentica, 2011, p.56-57
- ⁴⁹ GREENWAY. *Op. Cit.*, p.19.
- ⁵⁰ Idem, p.18.
- ⁵¹ ALLMAND, Christopher. *The De Re Militari of Vegetius – The Reception, Transmission and Legacy of a Roman Text in the Middle Ages*. Cambridge: Cambridge University Press, p.65.
- ⁵² VITALIS, Orderic. Livro II. *Op. Cit.*, p.46.
- ⁵³ GREENWAY. *Op. Cit.*, p.19.